



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 14 de Fevereiro 2007

Discurso aos Bispos da Região das Marcas (Itália) durante a Audiência Geral

*Queridos irmãos e irmãs
das Dioceses das Marcas!*

Saúdo-vos com afecto, começando pelos Bispos reunidos em Roma para a visita *ad limina Apostolorum*. Dirijo uma deferente saudação às Autoridades civis que não quiseram faltar a este encontro significativo. Saúdo com um grato pensamento os sacerdotes, os seminaristas, as pessoas consagradas, os agentes pastorais e todos vós, membros do Povo de Deus que vive na Região das Marcas.

No actual clima de pluralismo cultural e religioso, damo-nos conta de que a mensagem de Jesus não é conhecida por todos. Por isso, cada cristão está chamado a um renovado e corajoso compromisso de anúncio e testemunho do Evangelho.

Queridos Irmãos no Episcopado, continuai a dedicar todos os esforços para que a formação cristã de base seja feita tanto nas cidades como nos centros menores; para que todas as categorias de fiéis sejam preparadas para receber com fruto os Sacramentos, alimento indispensável para o crescimento na fé; para que com a prática dos Sacramentos não se descuide uma instrução religiosa sólida que resista sem se debilitar aos difundidos desafios e solicitações de uma sociedade amplamente secularizada. Olhemos para o futuro com esperança e trabalhemos com confiança apaixonada na vinha do Senhor!

A Virgem Mãe de Deus e da Igreja guie e proteja os vossos esforços e os vossos projectos pastorais. Dirijamo-nos agora a ela com a oração, que preparei em vista do encontro dos jovens, programado em Loreto no próximo mês de Setembro:

Maria, Mãe do sim,
tu escutaste Jesus
e conheces o timbre da sua voz
e o palpitar do seu coração.

Estrela da manhã, fala-nos dele
e conta-nos o teu percurso
para o seguires no caminho da fé.

Maria, que em Nazaré
habitaste com Jesus,
imprime na nossa vida
os teus sentimentos,
a tua docilidade,
o teu silêncio que escuta
e faz florescer a Palavra
em opções de verdadeira liberdade.

Maria, fala-nos de Jesus,
para que o vigor da nossa fé
brilhe nos nossos olhos e anime
o coração de quem nos encontra,
como tu fizeste, visitando Isabel
que na sua velhice
rejuvenilou contigo pelo dom da vida.

Maria, Virgem do *Magnificat*,
ajuda-nos a levar a alegria
ao mundo e, como em Caná,
estimula cada jovem,
comprometido no serviço aos irmãos,
a fazer só o que Jesus disser.

Maria, dirige o teu olhar
para a Ágora dos jovens,
para que seja o terreno fecundo
da Igreja italiana.

Pede para que Jesus, morto
e ressuscitado, renasça em nós
e nos transforme numa noite

plena de luz, plena d'Ele.

Maria, Nossa Senhora de Loreto,
 porta do céu,
 ajuda-nos a elevar para o alto o olhar.
 Queremos ver Jesus. Falar com Ele.
 Anunciar a todos o Seu amor.

* * *

As mulheres ao serviço do Evangelho

Amados irmãos e irmãs

Hoje chegámos ao fim do nosso percurso entre as testemunhas do cristianismo nascente, que os escritos neotestamentários mencionam. E usamos a última etapa deste primeiro percurso para dedicar a nossa atenção às diversas figuras femininas que tiveram um papel efectivo e precioso na difusão do Evangelho. O seu testemunho não pode ser esquecido, de acordo com o que o próprio Jesus pôde dizer da mulher que lhe ungiu a cabeça pouco antes da Paixão: "Em verdade vos digo: em qualquer parte do mundo onde este Evangelho for anunciado, há-de também narrar-se, em sua memória, o que ela acaba de fazer" (*Mt 26, 13; Mc 14, 9*). O Senhor quer que estas testemunhas do Evangelho, estas figuras que deram uma contribuição a fim de que aumentasse a fé nele, sejam conhecidas e a sua memória seja viva na Igreja. Podemos historicamente distinguir o papel das mulheres no Cristianismo primitivo, durante a vida terrena de Jesus e durante as vicissitudes da primeira geração cristã.

Jesus certamente, sabemos-lo, escolheu entre os seus discípulos doze homens como Pais do novo Israel, escolheu-os para "estarem com Ele e para os enviar a pregar" (*Mc 3, 14*). Este facto é evidente mas, além dos Doze, colunas da Igreja, pais do novo Povo de Deus, são escolhidas no número dos discípulos também muitas mulheres. Apenas brevemente posso mencionar aquelas que se encontram no caminho do próprio Jesus, a começar pela profetisa Ana (cf. *Lc 2, 36-38*), até à Samaritana (cf. *Jo 4, 1-39*), à mulher sírio-fenícia (cf. *Mc 7, 24-30*), à hemorroíssa (cf. *Mt 9, 20-22*) e à pecadora perdoada (cf. *Lc 7, 36-50*). Não me refiro sequer às protagonistas de algumas parábolas eficazes, por exemplo a uma dona de casa que amassa o pão (cf. *Mt 13, 33*), à mulher que perde a dracma (cf. *Lc 15, 8-10*), à viúva que importuna o juiz (cf. *Lc 18, 1-8*). Mais significativas para o nosso assunto são aquelas mulheres que desenvolveram um papel activo no contexto da missão de Jesus. Em primeiro lugar, o pensamento dirige-se naturalmente à Virgem Maria que, com a sua fé e a sua obra materna, colaborou de modo único para a nossa Redenção, tanto que Isabel pôde proclamá-la "bendita és tu entre as mulheres" (*Lc 1, 42*), acrescentando: "Feliz de ti que acreditaste" (*Lc 1, 45*). Tornando-se discípula do Filho, Maria manifestou em Caná

a confiança total nele (cf. *Jo* 2, 5) e seguiu-o até aos pés da Cruz, onde recebeu dele uma missão materna para todos os seus discípulos de todos os tempos, representados por João (cf. *Jo* 19, 25-27).

Há depois várias mulheres, que a diversos títulos gravitam em volta da figura de Jesus, com funções de responsabilidade. São exemplo eloquente disto as mulheres que seguiam Jesus para o assistir com os seus bens e das quais Lucas nos transmite alguns nomes: Maria de Magdala, Joana, Susana e "muitas outras" (cf. *Lc* 8, 2-3). Depois, os Evangelhos informam-nos que as mulheres, diversamente dos Doze, não abandonaram Jesus na hora da Paixão (cf. *Mt* 27, 56.61; *Mc* 15, 40). Entre elas, sobressai em particular Madalena, que não só presenciou a Paixão, mas foi também a primeira testemunha e anunciadora do Ressuscitado (cf. *Jo* 20, 1.11-18).

Precisamente a Maria de Magdala S. Tomás de Aquino reserva a singular qualificação de "apóstola dos apóstolos" (*apostolorum apostola*), dedicando-lhe este bonito comentário: "Como uma mulher tinha anunciado ao primeiro homem palavras de morte, assim uma mulher foi a primeira a anunciar aos apóstolos palavras de vida" (*Super Ioannem*, ed. Cai 2519).

Também no âmbito da Igreja primitiva a presença feminina não é de modo algum secundária. Não insistamos sobre as quatro filhas não nomeadas do "diácono" Filipe, residentes em Cesareia Marítima e todas elas dotadas, como nos diz São Lucas, do "dom da profecia", ou seja, da faculdade de intervir publicamente sob a acção do Espírito Santo (cf. *Act* 21, 9). A brevidade da notícia não permite deduções mais precisas. Aliás, devemos a São Paulo uma mais ampla documentação sobre a dignidade e sobre o papel eclesial da mulher. Ele parte do princípio fundamental, segundo o qual para os baptizados não só "não há judeu nem grego, não há escravo nem livre", mas também "não há homem nem mulher". O motivo é que "todos somos um só em Cristo Jesus" (*Gl* 3, 28), ou seja, todos irmanados pela mesma dignidade de fundo, embora cada um tenha funções específicas (cf. *1 Cor* 12, 27-30). O Apóstolo admite como algo normal que na comunidade cristã a mulher possa "profetizar" (*1 Cor* 11, 5), isto é, pronunciar-se abertamente sob o influxo do Espírito, contanto que isto seja para a edificação da comunidade e feito de modo digno. Portanto, a sucessiva, bem conhecida, exortação para que "as mulheres estejam caladas nas assembleias" (*1 Cor* 14, 34) deve ser antes relativizada. Deixemos aos exegetas o conseqüente problema, muito discutido, da relação entre a primeira palavra as mulheres podem profetizar na assembleia e a outra não podem falar da relação entre estas duas indicações aparentemente contraditórias. Não se pode discuti-lo aqui. Na quarta-feira passada já encontramos a figura de Prisca ou Priscila, esposa de Áquila, que em dois casos é surpreendentemente mencionada antes do marido (cf. *Act* 18, 18; *Rm* 16, 3): de qualquer maneira, ambos são explicitamente qualificados por Paulo como seus *sun-ergoús*, "colaboradores" (*Rm* 16, 3).

Outros relevos não podem ser descuidados. É necessário reconhecer, por exemplo, que a breve *Carta a Filémon* é na realidade endereçada por Paulo também a uma mulher chamada "Ápfia" (cf. *Fm* 2). Tradições latinas e sírias do texto grego acrescentam a este nome "Ápfia" o apelativo de

"irmã caríssima" (*Ibidem*) e deve-se dizer que na comunidade de Colossos ela devia ocupar um lugar de relevo; de qualquer forma, é a única mulher mencionada por Paulo entre os destinatários de uma sua carta. Noutra lugar, o Apóstolo menciona uma certa "Febe", qualificada como *diákonos* da Igreja de Cêncreas, a pequena cidade portuária a leste de Corinto (cf. *Rm* 16, 1-2).

Embora o título naquele tempo não tenha um específico valor ministerial de tipo hierárquico, ele expressa um verdadeiro e próprio exercício de responsabilidade desta mulher em favor daquela comunidade cristã. Paulo recomenda que seja recebida cordialmente e assistida "nas actividades em que precisar de vós"; depois, acrescenta: "Pois também ela tem sido uma protectora para muitos e para mim pessoalmente". No mesmo contexto epistolar, o Apóstolo recorda com traços de delicadeza outros nomes de mulheres: uma certa Maria, depois Trifena, Trifosa e a "querida" Pérside, além de Júlia, das quais escreve abertamente que "se afadigaram por vós" ou "que se afadigaram pelo Senhor" (*Rm* 16, 6.12a.12b.15), ressaltando assim o seu forte compromisso eclesial. Depois, na Igreja de Filipos deviam distinguir-se duas mulheres chamadas "Evódia e Síntique" (*Fl* 4, 2): a exortação que Paulo faz à concórdia recíproca deixa entender que as duas mulheres tinham uma função importante no interior daquela comunidade.

Em síntese, a história do cristianismo teria tido um desenvolvimento muito diferente, se não houvesse a generosa contribuição de muitas mulheres. Por isso, como pôde escrever o meu venerado e querido Predecessor João Paulo II na Carta Apostólica *Mulieris dignitatis*, "a Igreja rende graças por todas e cada uma das mulheres... A Igreja agradece todas as manifestações do "génio" feminino, surgidas no curso da história, no meio de todos os povos e nações; agradece todos os carismas que o Espírito Santo concede às mulheres na história do Povo de Deus, todas as vitórias que deve à fé, à esperança e à caridade das mesmas: agradece todos os frutos de santidade feminina" (n. 31). Como se vê, o elogio diz respeito às mulheres ao longo da história da Igreja, e é expresso em nome de toda a comunidade eclesial. Também nós nos unimos a este apreço, dando graças ao Senhor porque Ele conduz a sua Igreja, de geração em geração, valendo-se indistintamente de homens e mulheres, que sabem frutificar a sua fé e o seu baptismo, para o bem de todo o Corpo eclesiástico, para maior glória de Deus.